

O USO DE TECNOLOGIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO INTERIOR DE SANTA CATARINA

Luzia Honorato da Rocha

Claudio Adão Rosa

A falta de investimento em tecnologia nas escolas e de oportunidades de qualificação dos servidores por parte dos governos podem ser algumas das barreiras para implementação efetiva das tecnologias no contexto educacional. Neste artigo, apresentamos como três escolas públicas do estado de Santa Catarina vêm utilizando ou investindo em tecnologia para suas atividades pedagógicas. A pesquisa aconteceu em forma de entrevista com professores e gestores das escolas, e por meio de observações das aulas nas escolas selecionadas. Verificamos que as escolas ainda sofrem com a falta de investimentos em suas estruturas físicas e de manutenção, o que impacta no uso de aparatos tecnológicos nas práticas de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias; Escola Pública; Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX houve o uso predominante de uma pedagogia tradicional nas escolas, na qual se acreditava que a formação dos alunos dependia da bagagem de informação acumulada e do domínio dos conhecimentos consolidados, em uma forma de “educação bancária”, na qual não se permite a construção crítica do conhecimento pelos alunos e mantêm a estrutura de poder de alguns grupos sobre outros, em relações que assumem formas opressoras (FREIRE, 1987).

Tal como apontado por Brighente (2016), Paulo Freire denuncia essa forma de educação que se embasa no acúmulo acrítico de conhecimento, em que o professor é visto como aquele que é dono do conhecimento e o aluno é considerado um mero receptor de informações. Nesse olhar, não há lugar para o aluno atuar, agir ou reagir de forma individual, sendo essa uma pedagogia que prima pelo silêncio e pela imobilidade do aluno, dando a ele pouca ou quase nenhuma autonomia. Nesse cenário, a forma como o “mestre” passa o conteúdo para os seus alunos é dada como correta, uma vez que os

educandos apenas recebem as informações, sem ter oportunidade de expressar os seus posicionamentos e ideias.

A escola organizada com base nesses pressupostos foi ficando para trás com o movimento da Escola Nova, que teve início no fim do século XIX, e ganhou força na primeira metade do século XX, trazendo uma nova perspectiva, tendo a ideia do ato pedagógico na ação, valorizando, assim, a espontaneidade do aluno, e focando no aluno como o centro do processo ensino-aprendizagem, acreditando que ele tem todo o direito de pensar e de se expressar (CAMPOS; SHIROMA, 1999). Nesse sentido, passa-se a considerar um outro olhar para o próprio aspecto da aprendizagem, sendo esta vista não como mero acúmulo de informações, mas como “resultado de aquisições que transformam o sujeito”, sendo que “o papel do professor no processo de aquisição da aprendizagem é fundamental” (LINS, 2011).

No que se refere ao desenvolvimento das teorias da educação, além dos pensamentos citados de Paulo Freire, a pedagogia moderna possui contribuições de autores importantes, tais como Pestalozzi e Herbart, em sua vertente tradicional, e John Dewey, em uma vertente progressista (ZANATTA, 2012), além de outros autores, como Rudolf Steiner, que cria a Pedagogia Waldorf (RICKLI, 2009), e Jean Piaget, com as suas bases teóricas alicerçadas na psicologia para pensar uma prática pedagógica renovadora (CUNHA, 1996). Estes autores realizam suas pesquisas com base em pressupostos que fundamentam a pedagogia proposta pelo movimento da Nova Escola. Nesse sentido, Cunha nos diz que:

A finalidade maior da Escola Nova encontrava-se na educação da criança para a sociedade e, assim sendo, os conteúdos das matérias escolares não podiam ser relegados a um plano secundário. Todo o problema estava em encontrar uma maneira de se transmitir ensinamentos, sem recair nos moldes do programa estabelecido e rígido do ensino tradicional (CUNHA, 1996, p. 6).

Paralelamente a esse movimento, deu-se também o avanço da indústria e conseqüentemente o avanço das tecnologias, estando essa última presente

em todos os lugares e momentos do cotidiano das pessoas. Nesse sentido, a presença da tecnologia está tão intensa em todas as esferas que, no campo educacional, devido ao seu livre acesso, faz com que as escolas, da forma com que estão organizadas, deixem de ser interessantes para as crianças, uma vez que parece ser mais fácil aprender com vídeos do *Youtube*. Sobre os desafios escolares diante das questões que cercam a “era digital”, Silva nos aponta que:

Os modelos de ensino centrados no professor predominam, apesar de investigações diversas que sugerem uma mudança do ensino para a aprendizagem. Porém, a mudança da cultura escolar tradicional não é fácil, as inovações são lentas, e mesmo aquelas mais abertas reproduzem no virtual o modelo centralizador no conteúdo e no professor do ensino presencial. De qualquer modo, a interconectividade que a Internet e as redes desenvolveram nestes últimos anos está a mudar, gradualmente, a forma de ensinar e aprender (SILVA, 2006, p. 2).

Dado esse contexto, e considerando a necessidade de oferecer subsídios para a qualificação docente frente ao uso das tecnologias na sala de aula, a presente pesquisa tem o objetivo de analisar como três escolas públicas do interior do estado de Santa Catarina vêm utilizando ou investindo em tecnologia para a realização de suas atividades pedagógicas.

Essa pesquisa mostra-se importante porque, embora existam inúmeros recursos tecnológicos disponíveis, ainda existe a necessidade de termos professores qualificados para o uso das inovações tecnológicas, pois, assim como acontece na sociedade em geral, é interessante que a escola busque atualizações para se aproveitar pedagogicamente do uso das tecnologias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A tecnologia está cada vez mais presente no dia-a-dia em contextos globais, tornando os seres humanos cada vez mais individualistas e o mercado de trabalho cada vez mais exigente e com vieses neoliberais fortemente demarcados. Mediante isso, as máquinas, computadores, sistemas inteligentes

e outras tecnologias estão substituindo a mão-de-obra humana, contribuindo para as alterações das relações humanas, tanto no ambiente de trabalho, quanto em outros contextos.

Hoje estamos olhando para um ambiente altamente pessoal, mediado pelo ser humano. O potencial para remover a mediação humana em algumas áreas e substituí-la por tecnologia, computadores, sistemas inteligentes e redes é enorme (NOBLE, 1998 apud SILVA, 2006, p. 74).

Diante de tal questão, a competitividade entre as pessoas cada vez mais é visível, criando dificuldades para as pessoas que não se qualificam entrarem no mercado de trabalho. Com isso, observamos ainda que a individualidade do ser humano nunca esteve tão evidente como nesses últimos tempos, sendo que para não perder a corrida, os trabalhadores têm que ser bem-educados e superar a inteligência da máquina. Nesse sentido, tal como nos aponta Pastore, “o novo mundo do trabalho não será benevolente [...] À juventude só resta se preparar adequadamente. Aos mais velhos, atualizar-se no que é possível. Aos governos, providenciar novas instituições e melhor educação” (PASTORE, 1999 apud Silva, 2006, p. 68).

O avanço da tecnologia nos faz refletir que não podemos ignorar as oportunidades de aperfeiçoamento. A sociedade nos exige dedicação de boa parte de nosso tempo do dia-a-dia e utiliza cada vez mais o uso das máquinas em seus afazeres diários. Além disso, a automação já está tomando conta até mesmo dos nossos lares. Diante dessa realidade, dentre outros exemplos, podemos citar que é possível programar o ar-condicionado para que ele ligue antes de entrarmos em casa nos dias mais quentes, de forma a ter a comodidade de uma casa com uma temperatura agradável ao se chegar do trabalho. Em outro exemplo, podemos citar os robôs que varrem a casa, ou também as cortinas e janelas que se abrem sozinhas, além da iluminação de LED com lâmpadas e alarmes inteligentes que são acionados pelo sensor de calor do próprio corpo humano.

Hoje na chamada sociedade da informação, novos modos de pensar, de agir e de se comunicar são introduzidas como hábitos corriqueiros, sendo inúmeras as formas de adquirir conhecimento, bem como também são diversas as ferramentas que propiciam essa aquisição. Nesse contexto, as escolas geralmente são apontadas como um dos principais espaços para a formação e o desenvolvimento de cidadãos providos de um perfil que seja condizente com as exigências da sociedade moderna.

Neste sentido, são extremamente relevantes as ideias do método clínico piagetiano (Carragher, 1983), o conceito de zona *proximal de desenvolvimento* (ZPD) de Vygotsky (1991) e a utilização de tecnologias de informação como meios para a explicação do raciocínio que o aprendiz usa para resolver problemas (VALENTE, 1993, p 35).

Sobre o método clínico piagetiano citado na passagem acima, Queiroz e Lima (2010, p. 110) nos dizem que em seus estudos sobre a psicogênese da moralidade humana, as contribuições de Piaget “estão para além dos testes e da observação pura, caracteriza-se como prática científica através da elaboração de hipóteses e verificação por meio de inquérito”, o que foi uma das maiores feitos do autor para a Psicologia do desenvolvimento.

Dentro de um projeto pedagógico inovador, as tecnologias facilitam o processo de ensino-aprendizagem, sensibilizam para novos assuntos, trazem informações novas, diminuem a rotina, nos ligam com o mundo, com as outras escolas, aumentam a interação (redes eletrônicas), permitem a personalização (adaptação ao ritmo de trabalho de cada aluno) e se comunicam facilmente com o aluno, porque trazem para a sala de aula as linguagens e meios de comunicação do dia-a-dia (MORAN, 2000).

Mediante tais questões, compreendemos que as tecnologias nas escolas devem ser encaradas como algo natural, que veio para ficar, e cada vez mais devem fazer parte do projeto pedagógico escolar. Nesse sentido, uma escola bem atualizada e instrumentalizada oferece aos alunos a oportunidade de

aprender de forma moderna e eficaz. Com isso, trazer a tecnologia para sala de aula é oportunizar ao aluno uma forma de comunicação e aprendizagem diferenciada e, ao mesmo tempo, falar numa linguagem próxima do aluno. Em outras palavras, trazer o aluno para próximo do professor pode ser uma maneira de conhecê-lo para posteriormente trabalhar de forma prática, principalmente por meio do auxílio das tecnologias em sala de aula, visto que o aluno pode se sentir mais à vontade quando é estimulado a trabalhar com ferramentas do seu cotidiano, acabando por produzir mais e com maior qualidade.

Todavia, para que ocorram estímulos dos discentes de forma a se aproximarem de um trabalho que tenha foco no uso de tecnologias em seu cotidiano, se faz necessário que alguém tenha iniciativas, no que diz respeito ao desenvolvimento de ideias, para desenvolver essas tecnologias.

Além disso, se faz necessário que se realizem estudos que possam corroborar na execução do trabalho, bem como na compreensão de uma linguagem científica. Por exemplo, para trabalhar com automação, é necessário que se saiba minimamente ler e compreender questões de eletromecânica. Sobre essa questão, Machado nos afirma que há uma:

[...] estreita subordinação da linguagem à ciência, que, baseando-se na neutralidade como pré-requisito da própria cientificidade, passa a comandar a construção do texto científico, impondo determinado estilo e forma específica de construir seus resultados. A crítica da linguagem resulta na crítica a determinada visão de ciência, colocando a neutralidade como valor, moralizante e persuasivo (MACHADO, 1987, p. 333).

Tudo o que foi apresentado até aqui reforça a necessidade de que cada vez mais se realizem estudos, de forma a buscar atualização e qualificação para dominar essas tecnologias, visto que, não só na indústria, mas também na educação, a qualificação e a atualização de conhecimentos são de extrema importância para o bom uso da tecnologia que cada setor necessita. Não somente isso, como também consideramos que compreender a linguagem

científica se torna de grande valia para que se possa usufruir das possibilidades que as inovações tecnológicas podem propiciar para diversos sujeitos, principalmente no que diz respeito aos aspectos das relações entre ensino e aprendizagem, bem como da vida cotidiana dos alunos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta e justifica a escolha pela abordagem teórico-metodológica utilizada e os caminhos percorridos para atingir os objetivos propostos. Trata também do contexto da pesquisa, da sua caracterização, dos sujeitos participantes e dos procedimentos de coleta e análise dos dados.

3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa, visto que, conforme Rauén, esses tipos de pesquisas visam compreender um fenômeno em seu sentido mais intenso, estando entre suas características principais:

[...] a objetivação, que é o esforço metódico do pesquisador de conter a subjetividade; a validade interna, que se fundamenta na triangulação de achados, pesquisadores, teorias e métodos; a validade externa, que se fundamenta na generalização naturalística, a confiabilidade, que determina em que medida os dados de pesquisa são consistentes ou podem ser reproduzidos; e a ética na coleta, análise e disseminação dos achados (RAUEN, 2015, p. 549).

Referente aos objetivos que traçamos, a pesquisa se caracteriza como um relato de experiência. Nesse sentido, buscamos contextualizar alguns aspectos relacionados à uma experiência vivenciada pelo autor deste trabalho em três diferentes escolas do estado de Santa Catarina, em que, partir de observações e entrevistas com docentes, foram realizadas algumas reflexões

sobre o uso de tecnologias no contexto escolar.

3.2 Contexto da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em três escolas estaduais de Santa Catarina, durante os meses de maio a agosto de 2019. No que se refere às observações de alunos, foi realizada com sujeitos que possuíam de 6 a 17 anos, o que abrange diferentes níveis de ensino, desde os anos iniciais do fundamental, até os anos finais do ensino médio. Sendo a maioria desses estudantes filhos de trabalhadores rurais, principalmente por se tratar de escolas do interior de Santa Catarina, há de se levar também em consideração a realidade desses alunos, tal como nos propõe Freire (1987), para compreender as relações de ensino presentes nessas escolas, bem como as formas pelas quais são utilizados meios tecnológicos para essa finalidade.

A respeito das escolas escolhidas, a primeira foi a “*E.E.B Walter Holthausen*”, localizada na cidade de Lauro Muller, no sul de Santa Catarina. A escola possui aproximadamente 500 alunos matriculados e vinte salas de aulas, onde quatro são laboratórios de informática, química, artes e matemática. Todas as salas de aula são equipadas com computadores e internet (limitada aos professores). A escola oferece ensino médio integral, onde os alunos permanecem nela durante os períodos da manhã e da tarde. Eles têm aulas da grade curricular regular de ensino e, no contraturno, aulas extracurriculares.

Outra escola foco de nossas observações foi a “*E.E.B Lucas Bez Batti*”, localizada na cidade de Urussanga - SC. A escola tem 110 alunos matriculados e 5 salas de aula em uso. Em termos de recursos físicos, ela conta com lousa interativa com sistema Linux, caixas de som com entrada para pendrive e bluetooth, cartões de memória, wi-fi e rádio. Tanto os projetores, quanto as caixas de som, são muito utilizadas e precisam de agendamento para uma melhor organização, a fim de que todos possam desfrutar desses recursos.

A terceira escola foi a “*E.E.B Samuel Sandrini*”, localizada na cidade de Orleans - SC. A cidade onde essa escola se situa é a maior cidade da região dentre as 3 escolas pesquisadas, e a escola fica localizada na área urbana da cidade. Além disso, a instituição possui 427 alunos matriculados e tem a mesma quantidade de salas de aula que a primeira escola citada. Em relação à infraestrutura, essa escola mostra uma realidade diferente das primeiras, pois ainda não oferece os mesmos recursos tecnológicos que as demais.

3.3 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

A coleta de dados se deu por meio de observações e entrevistas com os professores que aceitaram participar da pesquisa. Os registros foram anotados em um diário de campo e para as entrevistas utilizamos o celular para gravar as respostas dos professores.

Primeiramente pedimos autorização à direção da escola, e depois explicamos aos professores os objetivos da pesquisa, convidando-os a responderem algumas perguntas. Na primeira escola participaram da pesquisa um total de 3 professores, sendo que houve igual número de docentes participantes na segunda escola, e tendo a participação de apenas 2 professores na terceira.

Os professores foram escolhidos de acordo com a sua área de atuação dentro das escolas. Como primeiro critério de seleção dos docentes para participar das entrevistas, nos atemos inicialmente àqueles que manifestaram interesse em participar da pesquisa. Posteriormente, a seleção foi feita de modo a abranger uma diversidade de profissionais da educação de diferentes áreas, de forma a abrir nossa investigação a um leque de visões e possibilidades sobre às questões que se relacionam à leitura e escrita, bem como no que condiz as abordagens e aos usos de tecnologias em contexto escolar.

Levando em consideração a delimitação de critérios de escolha dos professores, primeiramente, consideramos ser de extrema importância a participação de um professor de ensino fundamental I, pois acreditamos que o pedagogo é o professor que passa mais tempo em sala de aula com seus alunos e, conseqüentemente, possuem maiores conhecimentos sobre a realidade de cada estudante de sua turma.

Escolhemos também um professor de Língua Portuguesa para a entrevista devido ao fato de reconhecermos que há uma grande dificuldade enfrentada no âmbito escolar, principalmente no que diz respeito às questões que envolvem a escrita e a leitura. Pensando em outro aspecto, foi também selecionado um professor de Geografia para responder as perguntas, por considerarmos a forma como se é trabalhado o conteúdo da disciplina em sala de aula, em seus contextos comumente interpretativos.

Por fim, foram selecionadas uma coordenadora e uma diretora, por considerarmos que, além do fato destas terem atuado em boa parte da carreira na posição de docente, levamos em conta ainda que a coordenação é responsável pela cobrança dos planos de aula dos professores, sendo a diretora aquela que é a mais responsável, de modo geral, pela organização da escola.

As perguntas das entrevistas foram as seguintes:

- Professor, você costuma fazer uso de tecnologia em suas aulas? Por que considera esse uso importante?
- Quais as maiores dificuldades que você encontra na escola para o uso das tecnologias? Para você, a que se devem essas dificuldades?
- Você e seus colegas costumam fazer cursos de aperfeiçoamento para o uso de tecnologia em sala de aula? Em que aspectos você considera que esses cursos contribuam para as suas aulas?
- A escola costuma fazer capacitação para os professores usarem a tecnologia em sala de aula? De que forma ocorrem esses processos de

capacitação?

- Na sua opinião, o governo vem investindo no uso de tecnologia nas escolas? Se sim, como tem sido feito esse investimento?
- O governo investe em algum curso de capacitação para os professores usarem as tecnologias em sala de aula? De que forma são feitos esses investimentos e como são ministrados esses cursos?

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante toda a pesquisa de campo na “*E.E.B Samuel Sandrini*” os professores relataram que a escola não possuía internet e nem computadores para que eles pudessem acessar o sistema educacional do estado, uma vez que os diários dos alunos são feitos por um sistema online. Os educadores também relataram que na sala dos professores tem dois computadores que estão sem uso pelo seu mal funcionamento, além de um notebook, que também está nessa sala sem utilização há algum tempo.

De forma descrita, observamos que os alunos são proibidos de usar seus aparelhos de celular durante o período em que estão na escola. As atividades são quase ou se não na sua totalidade impressas. A secretaria da escola possui apenas a internet disponibilizada pelo governo estadual, e esta não pode ser usada nas demais dependências das escolas ou por outros profissionais que não sejam àqueles que trabalham na secretaria. Observamos ainda que durante o tempo em que os professores ficam na escola, muitos passam o dia todo sem acesso à internet.

Apontamos assim que há uma explícita falta de investimento em tecnologia na escola, o que acaba fazendo com que esta possua recursos limitados para possíveis relações de ensino-aprendizagem por meio do uso de aparatos tecnológicos. Considerando, assim, que as atividades da escola podem ser consideradas ainda como muito “arcaicas”, com afazeres que se

limitam ao uso de recursos em papel, e compreendendo ainda que na atualidade os alunos argumentam que podem pesquisar qualquer conteúdo no *Youtube*, de forma que aprenderão tudo o que necessitam saber, consideramos que o uso de tecnologias em sala de aula se torna ainda mais desafiador no contexto educacional da atualidade.

Todavia, essas tecnologias podem ser úteis para os plurais contextos de ensino, de forma com que se aproveite e se aproprie destas para realizar trabalhos de diferentes formas no âmbito escolar.

A sociedade atualmente convive com grandes transformações seja de ordem natural ou antrópica que repercutem na vivência social e que se engajam cada vez mais na educação, atraindo a atenção de professores, alunos e gestores escolares [...] A problemática que deve ser considerada é de como essa ferramenta (YouTube) deve ser utilizada e com qual objetivo deve ser fomentada a utilização na prática escolar no ensino de Geografia (ALMEIDA et al., 2015, p. 1).

Tal como apontado por Silva (2006), há uma resistência na mudança em termos de inovações do âmbito escolar, que ainda se alicerça muito em moldes tradicionais de ensino pautados na centralidade do professor, e que se veem em meio a emergente necessidade de mudança, dadas as tecnologias presentes na atualidade, principalmente no que diz respeito ao uso da internet como meio de obtenção dinâmico de informações.

Observamos também que a realidade dessa escola pode ser diferente de outras escolas do estado, uma vez que duas das escolas pesquisadas mostraram um bom resultado na questão tecnológica. Mesmo assim, salientamos que as escolas buscam apoio e investimentos dos governos para que a tecnologia se faça realmente presente em sua realidade.

Percebeu-se, durante a realização da parte empírica do trabalho, uma grande dificuldade dos professores em realizar as atividades que dependiam do uso de tecnologia. Observamos que muitos educadores têm muitas dificuldades em utilizar alguns recursos tecnológicos presentes na escola, tal como o computador. Além disso, muitos professores usam de cópias impressas para realizar suas atividades pedagógicas. Nesse sentido, provas, avaliações e

trabalhos ainda são impressos e muitos desses são feitos por meio de fotocopiadoras onde o professor os usam para a realização dessas atividades. Cabe observar ainda que, geralmente, esses professores são os mais velhos na área da educação, sendo que alguns desses docentes precisam pagar alguém para fazer algumas atividades que possui domínio sobre a tecnologia. Esses profissionais sentem dificuldades em realizar atividades corriqueiras, como fazer a chamada da turma, que nos dias de hoje é registrada formalmente por meio de um sistema computadorizado.

Considerando que o uso relacionado as tecnologias são constantes na contemporaneidade, se torna essencial pensar em meios de desenvolver nas escolas as habilidades que as crianças precisam para enfrentar os desafios do século XXI, tal como o pensamento crítico, a capacidade para resolver problemas e tomar decisões, a boa comunicação e a disposição para o trabalho colaborativo. Nesse sentido, tal como aponta Rodrigues (2014, p. 1) “a tecnologia condição necessária, mas não suficiente, para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes de comunicação digital, a sua integração na educação será inevitável”.

As escolas que trabalham para integrar essas novas habilidades à prática escolar e propiciam, por exemplo, uma relação mais próxima entre professores e alunos, de modo horizontal, além de um atendimento que se volte às necessidades e histórias de vida deles, têm mais chances de formar um sujeito crítico, que reflita sobre a realidade em que está inserido, principalmente ao se pautar em uma perspectiva de ensino humanizado e dialógico (FREIRE, 1987), tal como proposto pelas teorias construtivistas.

Diante desse contexto, percebeu-se que existem professores, em sua maioria os mais jovens, que estão a cada dia mais se aperfeiçoando para que sempre possam usufruir da tecnologia. Percebeu-se um grande interesse no uso das tecnologias por esses profissionais, tal como apresentado em duas das escolas pesquisadas, que demonstram oferecer uma grande diversidade tecnológica, a qual alguns professores aproveitam para o uso em suas

atividades pedagógicas.

Diante dessas observações, consideramos que durante a pesquisa foi constatado que esses professores estão sempre à procura de novas ideias tecnológicas para suas aulas. Tal tendência se liga a um processo educacional que advém das ideias que circulam desde a Escola Nova, na qual se busca uma educação da criança para a sociedade, sem relegar o conteúdo das disciplinas aos quais os professores se filiam (CUNHA, 1996). No entanto, cabe apontar que nem sempre o governo investe em tecnologia, sendo muitos dos recursos apresentados pelas escolas pesquisadas comprados com dinheiro que a própria escola arrecada.

As escolas pesquisadas são instituições públicas de ensino de Santa Catarina, localizadas no interior do estado, e que, portanto, representam uma, dentre muitas outras realidades escolares presentes no vasto território brasileiro. Uma vez que o governo não investe recursos suficientes na educação, ainda faltam investimentos tecnológicos, infra estruturais, além de valorização e capacitação dos profissionais da área educacional.

Durante a pesquisa, muitos professores relataram que escolas como essas nas quais realizamos nossa pesquisa não representam fielmente a realidade da maior parte das escolas do estado. Esses professores relataram que a grande maioria das escolas de outras localidades se encontram sucateadas, abandonadas à própria sorte.

O grande número de alunos em sala de aula, prédios antigos sem reformas há muito tempo, falta de adaptações adequadas para receber a tecnologia, dentre outras questões, são muito comuns no estado. Nesse sentido, os professores acreditam que ainda está muito longe a possibilidade de que ocorra uma revolução tecnológica de verdade nas escolas públicas estaduais catarinenses.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa realizada, compreendemos que duas das escolas mostram-se a cada dia mais focadas nas questões referentes à tecnologia, trazendo para seus alunos um bom trabalho pedagógico nesse âmbito. Observamos ainda que durante a pesquisa os professores tiveram muito interesse nas novidades tecnológicas que foram apresentados a eles.

Cabe ressaltar que as dificuldades encontradas para a realização do estudo foram imensas, uma vez que as escolas ficavam no interior do estado e, muitas vezes, há muitos quilômetros de distância. Por isso, convencer os professores para o uso da tecnologia em suas aulas também se apresentou como uma das principais dificuldades na realização deste trabalho.

Consideramos que uma pesquisa como a aqui apresentada pode mostrar a importância do diálogo com os profissionais de diferentes áreas docentes. Nesse sentido, compreendemos que mostrar as novidades tecnológicas e discutir com profissionais da educação a sua importância é levar a eles uma oportunidade de aperfeiçoamento, para que esses profissionais sempre busquem por inovações. Com isso, acreditamos que o presente trabalho, pautado no objetivo de analisar como os profissionais da educação realizam um trabalho pedagógico com o uso das tecnologias, é de extrema importância para a educação no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Í. D.; SILVA, J. C. B.; SILVA JUNIOR, S. A.; BORGES, L. M. Tecnologias e Educação: o uso do YouTube na sala de aula. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. II Congresso Nacional de Educação, 2015. v. 2.

BRIGHENTE, M. F. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. *Pro-Posições*, 27(1), 2016, p. 155-177.

CAMPOS, R. F.; SHIROMA, E. O. O resgate da Escola Nova pelas reformas educacionais contemporâneas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (Rbep)*, Brasília, v. 80, n. 196, p. 483-493, set./dez. 1999.

CUNHA, M. V. Dewey e Piaget no Brasil dos anos trinta. Cad. Pesq., São Paulo, n. 97, p. 5-12, maio 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LINS, M. J. S. C. Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 8, n. 16, 2011.

MACHADO, C. M. C. Linguagem Científica e Ciência. revista Cadernos de Ciência & Tecnologia, Vol. 04, n. 3, 1987.

MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

RAUEN, F. Roteiros de iniciação científica. Os passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação. Palhoça (SC): Unisul, 2015.

RICKLI, R. Escola Nova, Teosofia, UNESCO e Pedagogia Waldorf: um enredo novelesco e suas possíveis lições. Trópis iniciativas sócio-culturais, 2009, p. 1-14. Disponível em: <http://www.tropis.org/biblioteca/escolanovaoculta.pdf>. Acesso em: 08 de março de 2020.

RODRIGUES, A. L. Dificuldades e desafios na integração das tecnologias digitais na formação de professores. Revista Contrapontos I Eletrônica, v. 19, Nº 4, Itajaí, 2018.

SILVA, A. Processos de ensino-aprendizagem na era digital. O Professor. Portugal, n. 93, 2006. Editorial Caminho. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=2>. Acesso em: 11 de março de 2020.

VALENTE, J. A. Por que o computador na Educação. In: VALENTE, J. A. (Org.) computadores e conhecimento: Repensando a educação. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1993.

ZANATTA B. A. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. Teoria E Prática Da Educação, 15(1), 2012, p. 105-112.
